

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NAS ESCOLAS: USO DE DROGAS E ADOLESCÊNCIA

SOCCOL, Keity Laís Siepmann; SOUTO, Valquíria Toledo; TERRA, Marlene Gomes

Trabalho de iniciação científica

Universidade Federal de Santa Maria/Curso de Pós-Graduação em Enfermagem e Graduação em Enfermagem

keitylais@hotmail.com , valquiriatoledo@hotmail.com, martesm@hotmail.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo conhecer o que vem sendo produzido sobre a educação em saúde para adolescentes acerca do uso de drogas e como os profissionais da educação vem atuando nas escolas. Tratou-se de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, exploratória. Para o alcance dos objetivos fez-se um levantamento de artigos científicos nacionais na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS): Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) publicado nos últimos anos. Sendo estes dados de pesquisa coletados no mês de maio de 2012. As informações sobre drogas trazidas pela família mostrou-se como a de maior impacto e a adquirida no ambiente escolar destacou-se como a de menor relevância, o que nos leva a refletir se os métodos de ensino estão sendo adequados na abordagem desta temática nas escolas. As atividades de educação em saúde devem ser baseadas no contexto social, familiar e econômico em que vivem esses adolescentes. Diante disso, é fundamental a atuação na promoção da saúde dos adolescentes a partir das dúvidas deles e do conhecimento que eles possuem até o momento, partindo através do conhecimento prévio que os adolescentes possuem sobre as drogas.

Palavras-chave: Educação em saúde; escolas; uso de drogas; adolescência.

Introdução

O consumo de substâncias psicoativas é uma característica comum a população da maioria dos países, inclusive a do Brasil, sendo o tabaco e o álcool as mais utilizadas (MOTA, 2007). O abuso de substâncias psicoativas influencia na saúde dos usuários, nas relações de trabalho, na economia, na família e na sociedade em geral.

A dependência química também traz inúmeros problemas de origem psicológica e física ao usuário de drogas. Deste modo, é indiscutível a importância dos profissionais, ao realizar atividades de educação em saúde que esclareçam dúvidas acerca dos malefícios das drogas. Educar a população é fundamental, pois promove a redução dos obstáculos relativos ao tratamento e à atenção integral voltada para os consumidores de álcool, aumentando a consciência coletiva sobre a frequência dos transtornos decorrentes do uso indevido de álcool e outras drogas (BRASIL, 2004).

Os adolescentes experimentam as drogas por desinformação, curiosidade e fácil acesso. O uso de drogas pode desencadear a violência reconhecida por atitudes agressivas, o que limita sua compreensão. As estratégias de Educação em Saúde

direcionadas aos adolescentes contribuem para um padrão de vida mais saudável, pois facilita a identificação dos fatores de riscos e tem a finalidade de reduzir a vulnerabilidade desses adolescentes (SILVA, DIAS, VIEIRA et al., 2010).

A iniciação ao uso de drogas está relacionada à: pressão social de grupo, fácil acesso às drogas e ao não reconhecimento de que o consumo pessoal, mesmo descontínuo, pode levar à dependência química. Dissonância entre a visão dos escolares e o discurso preventivo repressivo e/ou técnico informativo sugere que as ações educativas devem privilegiar formas de apreensão das informações transmitidas, focando a interatividade, a interlocução, a informação e a reflexão (REBELLO, MONTEIRO e VARGAS, 2001).

Os adolescentes são indivíduos que enfrentam várias modificações de natureza diversificada e se expõem a situações de riscos, como o uso abusivo de drogas e a violência, que se destacam por acarretarem prejuízos de ordem física, social e emocional (SILVA, DIAS, VIEIRA et al., 2010).

Realizar ações de educação em saúde durante a adolescência, fase da vida que impõe transformações e interferências do meio social e familiar, é um grande desafio. As mudanças que ocorrem durante a adolescência fazem com que os adolescentes tentem se rebelar contra a realidade vivenciada, manifestando-se com o uso da sua sexualidade de forma inconsequente, da ingestão de drogas e de práticas de violência (SILVA, DIAS, VIEIRA et al., 2010).

Este trabalho tem por objetivo conhecer o que vem sendo produzido sobre a educação em saúde para adolescentes acerca do uso de drogas e como os profissionais da educação vem atuando nas escolas.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, exploratória, que buscou responder as seguintes questões norteadoras: o que tem sido produzido sobre a educação em saúde para adolescentes acerca do uso de drogas? E como os profissionais da educação vem atuando nas escolas? Para o alcance dos objetivos fez-se um levantamento de teses e artigos científicos nacional na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS): Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) publicado nos últimos anos. Sendo estes dados de pesquisa coletados no período de maio de 2012.

A partir dessa busca, foi realizada a leitura de todos os títulos e resumos dos estudos identificados e feito a seleção dos assuntos pertinentes.

Com isso, foram incluídos os artigos que continham adequação com a questão norteadora, com resumos disponíveis em português, sem delimitação temporal estabelecida e indexados nas referidas bases de dados. Para a localização destes artigos e teses utilizaram-se os descritores: educação em saúde, abuso de substâncias psicoativas e adolescentes.

Foram considerados fatores de exclusão os artigos não editados no Brasil, resenhas ou editoriais, revisões bibliográficas (seria redundante analisá-las), textos históricos (pois se objetivou investigar a produção atual) e estudos que não estiveram disponíveis *online*. Também se excluiu os artigos cujos resumos apresentaram inadequação ao tema.

Foram encontrados 16 estudos, sendo que, destes, 12 apresentaram inadequação ao tema, restando 4 estudos. A análise foi realizada através dos resumos dos trabalhos selecionados tendo como base os critérios de inclusão.

Resultados e Discussão

A informação é considerada como a coleção de conhecimentos sobre o tema drogas, englobando efeitos, conseqüências do uso, abuso e dependência, e é motivo relevante à negação da experimentação e conseqüente uso/abuso de substâncias ilícitas em adolescentes que não são usuários (SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al., 2011).

O jovem experimenta droga em decorrência da desinformação; curiosidade; insatisfação com a vida; insegurança; despersonalização; frustrações e fácil acesso (SILVA, DIAS, VIEIRA et al., 2010).

A informação incompleta, vaga e de pouca utilidade funciona de maneira oposta à desejada, despertando a curiosidade e conseqüente experimentação e uso/abuso por esses adolescentes e jovens. Em seu estudo mostra que enquanto 60% dos adolescentes dispunham de conhecimentos parciais sobre a droga, ou seja, conheciam apenas os efeitos positivos ou negativos, 40% nada sabiam a respeito, no momento do início de seu consumo. Assim, de maneira geral, entre os usuários de drogas, prevalece a falta de informações ou a disponibilidade de informações incompletas, ineficazes em termos de prevenção (SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al., 2011).

Ainda segundo SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al. (2011) a informação sobre os efeitos negativos das drogas, nunca deve ser isolado, mas mostrando o que pode acontecer

a quem consome, de forma honesta e não fantasiosa. A comunicação de suas implicações físicas e sociais amedronta e afasta os adolescentes/jovens do consumo de drogas ilícitas e dos riscos associados. Logo, é de suma relevância a abordagem de tópicos como, "envolvimento no mundo do crime", "morrer de tiro" e "vender o corpo" (para obtenção da droga), de tal forma a garantir à informação o importante papel de fator protetor contra o consumo de drogas.

É importante ao iniciar uma discussão com adolescentes partir do vivido deles, da compreensão que eles possuem sobre as drogas, o que pode causar o uso excessivo, o que trás de conseqüências para a família e para a sociedade.

A participação da escola é prioritária ao desenvolvimento de programas de prevenção e educação em saúde, embora conforme a opinião de adolescentes usuários de drogas que participaram do estudo de SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al. (2011) diz que, a informação trazida pela escola é a menos relevante e foi citada como uma fonte incompleta e, em grande parte dos casos, como vaga. Visto que, quando solicitados a descrever o tipo de informação trazida pela escola, muitos não conseguiam lembrar ou respondiam de forma evasiva. Nenhum dos adolescentes que participaram deste estudo encontrou relevância na informação trazida pela escola.

Tem-se que repensar como a questão do uso de drogas vem sendo abordado nas escolas e buscar novas metodologias que despertem a atenção de desses adolescentes, não utilizando metodologias tradicionais de ensino, evitando esse ensino verticalizado.

Em outro estudo realizado com estudantes de 12 e 16 anos, ao se abordar o tema drogas durante uma palestra revelou que o interesse dos jovens pelo assunto se dá através de inquietações, conhecimentos e curiosidades, permeados por preconceitos e medo (LUIS e SOUZA, 1996).

Ao abordar o assunto de drogas é importante fazer um levantamento da percepção desses adolescentes, o que eles sabem deste assunto e a partir disto planejar a metodologia mais adequada para a aula.

Talvez valha refletir sobre a origem do conhecimento que determina o comportamento do adolescente, como proposto por Freire (1996), onde diz que não se pode menosprezar o conhecimento oriundo da vivência (informação por observação ou oriunda de outras fontes, como a família, como mencionado nos resultados desta pesquisa) que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico. O educador não pode imaginar que a educação esteja baseada na simples transferência de conhecimentos; deve, antes de

mais nada, estar alicerçada no movimento de conscientização e de testemunhos de vida, caso contrário, não terá eficácia.

A escola é considerada "o lugar ideal" para se abordar assuntos relacionados à prevenção ao uso abusivo de drogas. Todavia, a experiência dos jovens revela a escassa disponibilidade dos professores em tratar tal tema. Segundo os/as alunos/as, na maioria das vezes, os educadores falam pouco sobre essas questões: "eles têm um bloqueio". Assim, em detrimento da importância atribuída à instituição familiar e escolar, no que tange à vivência do jovem, não existe nesses espaços de sociabilidade um diálogo franco acerca do assunto drogas, conforme demandam os/as escolares. Convém acrescentar que os/as escolares demonstram interesse em participar de programas de prevenção. A maioria já teve acesso a informações sobre drogas por meio de materiais pedagógicos diferenciados (folhetos, vídeos) e atividades diversas (palestras, teatro, feira de ciências), sendo as propostas interativas que favorecem o diálogo, como os jogos, as mais valorizadas, já que as tecnologias educacionais sobre o uso de drogas desperta o interesse do grupo pelo material. Por outro lado, as ações predominantemente informativas foram criticadas (REBELLO, MONTEIRO e VARGAS, 2001).

A família é importante na participação da educação em saúde de seus membros adolescentes, já que a forma comum de divulgar a "informação" entre familiares ocorre no debate de eventos vivenciados por pessoas próximas, como por exemplo, vizinhos e parentes que, ao se envolverem com drogas, tiveram complicações morais e sociais de relevância em função do estilo de vida ao qual foram inseridos. Além disso, a utilização de recursos diversos se mostrou importante para ilustrar a informação que a família quer transmitir a seus filhos. O início da conversa sobre drogas pode ser despertado por um programa de televisão ou outros recursos midiáticos (SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al., 2011).

O principal meio de veiculação foi a família, seguido da observação da experiência negativa vivenciada por amigos que já faziam abuso. Dispor de informações adequadas sobre o tema "drogas" parece essencial à prevenção do uso experimental entre adolescentes e jovens em situação de risco. No entanto, a informação que mais parece eficaz é a transmitida pela família (SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al., 2011).

Um estudo realizado com adolescentes e jovens em situação de risco mostrou que a informação é um dos motivos para o não uso de drogas ilícitas, destacando o impacto da informação como fator protetor. Entre um grupo de 62 adolescentes e jovens

usuários de drogas, a informação destacou-se como principal motivo de não uso, através do conhecimento de aspectos positivos e negativos (SANCHEZ, OLIVEIRA, RIBEIRO et al., 2011).

As informações sobre drogas trazidas pela família mostrou-se como a de maior impacto e a adquirida no ambiente escolar destacou-se como a de menor relevância, o que nos leva a refletir se os métodos de ensino estão sendo adequados na abordagem desta temática nas escolas. Esses resultados sugerem a necessidade de ampla reflexão sobre possíveis meios para se aproveitar a informação como um dos alicerces das medidas preventivas em programas na escola e o planejamento de programas de prevenção que desenvolvam habilidades educativas e de comunicação na cena familiar, conscientizando os pais da importância que eles têm como agentes de saúde para seus filhos.

Conclusão

Constatou-se que a informação é um importante aliado ao não uso de drogas e a disponibilização dessas informações sobre o uso de drogas e as consequências do uso é uma importante fonte de apoio contra o consumo de drogas entre adolescentes. Também emergiu deste trabalho que é necessário a utilização de materiais que despertem a atenção dos adolescentes ao abordar esta temática, evidenciando-se deste modo que as metodologias de ensino tradicionais já não vem mais surtindo efeito nesse determinado grupo.

Evidenciou-se a importância da família como protetora ao uso de drogas e como alicerces na educação em saúde, sendo transmissora de conhecimentos a partir da realidade vivida em cada contexto, o que desperta, de um certo modo, o interesse no assunto de abuso de drogas pelos adolescentes. A família deve estar envolvida junto com as escolas para que assim se possa realmente realizar a educação em saúde com eficácia.

Deixa por outro lado, a preocupação das escolas não estarem mais cumprindo o seu papel de educação em saúde com resolutividade, o que nos leva a refletir se os métodos utilizados para a educação estão realmente sendo adequados e surtindo efeitos nessa população.

É importante a ligação entre a escola, cidadania, educação em saúde e qualidade de vida estarem interligadas entre si para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa para todos com igualdade de oportunidades e uma maior qualidade de vida.

Conclui-se que as atividades de educação em saúde devem ser baseadas no contexto social, familiar e econômico em que vivem esses adolescentes. Diante disso, é fundamental a atuação na educação em saúde dos adolescentes a partir das dúvidas deles e do conhecimento que eles possuem até o momento, através do conhecimento prévio que os adolescentes possuem sobre as drogas.

Identificou-se também a necessidade de mais estudos envolvendo os adolescentes e educação em saúde já que o número de artigos estudados neste trabalho foram poucos, mas acreditamos que com este estudo seja promovido uma maior reflexão pelos educadores, profissionais da área e pela família, o que cada um vem fazendo no sentido de melhor a educação em saúde dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas*/Ministério da Saúde. 2 ed. rev. ampl. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

LUIS, M.A.V.; SOUZA, M. C. B. M. Questionamentos dos jovens sobre álcool e drogas. *Acta paulista de enfermagem*;9(2):39-46, maio-ago. 1996. graf.

MOTA, L.A. Dependência química: problema biológico, psicológico ou social? *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24 (3): 710-713, mar, 2007.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S.; Vargas, E.P. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Interface comunicação. Saúde educação*;5(8):75-88, fev. 2001

SANCHEZ, Z. van der M.; OLIVEIRA, L.G. de; RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciência & saúde coletiva*;16(supl.1):1257-1266, 2011. graf, tab.

SILVA, K.L. da; DIAS, F.L.A.; VIEIRA, N.F.C.; PINHEIRO, P.N. da C. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. *Escola Anna Nery Revista Enfermagem*;14(3):605-610, jul.-set. 2010.